

A IRONIA NO DISCURSO DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS: UM ENTRECruzAMENTO DE VOZES

Ana Paula Sarmiento Carneiro¹

1. INTRODUÇÃO

Partindo de uma visão dialógica da linguagem, bem como dos princípios teóricos da Análise de Discurso Francesa, mais especificamente da noção de formação discursiva, a postura que assumimos aqui em torno do fenômeno da ironia é, necessariamente, a que a considera como um processo discursivo que instaura e mobiliza diferentes vozes que podem ser percebidas a partir do entrecruzamento das várias formações discursivas que se estabelecem no discurso, no caso específico de nossa análise, no discurso de professores universitários.

Nesse sentido, nosso objetivo, neste artigo, é mostrar que a ironia não é apenas uma figura de linguagem ou retórica isolada que consiste unicamente em declarar o contrário daquilo que se quer dizer, mas é vista como uma estratégia discursiva que acontece espontaneamente, sendo abordada como um modo de dizer que constitui a linguagem. Obviamente que já há uma grande quantidade de trabalhos que enfocam o tópico geral da ironia, no entanto pretendemos observar especificamente no espaço de sala de aula, como se manifesta o discurso irônico, verificando, assim, o seu funcionamento discursivo através do entrecruzamento de formações discursivas diferentes.

Os dados que integram este trabalho é fruto de parte de nossa pesquisa que desenvolvemos na nossa dissertação de mestrado. De modo que escolhemos apenas uma pequena amostra das aulas que foram áudio-gravadas com professores universitários da Universidade Federal e Estadual de Campina Grande.

2. UMA VISÃO DISCURSIVA DA LINGUAGEM

No final da segunda década do século XX, o estudioso soviético Mikhail Bakhtin já antecipava alguns conceitos da Lingüística atual, principalmente no que diz respeito aos estudos da enunciação, interação verbal e as relações entre linguagem, sociedade, história e ideologia. Estes estudos foram fundamentais, na medida em que proporcionaram uma visão mais abrangente do conceito de língua que, até Saussure, era concebida como algo abstrato, sincrônico e homogêneo.

Bakhtin, caracterizando a linguagem como essencialmente dialógica, considera como unidade mínima de análise lingüística o enunciado. Este autor privilegia o espaço enunciativo (contexto de enunciação) como fazendo parte da realidade da língua. Dessa forma, a linguagem é mutável, heterogênea e se adapta a contextos sociais concretos em que os interlocutores participam de forma dinâmica no processo de interação verbal.

¹ * Professora de Prática de Ensino de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande-Pb.

Nessa visão da língua, considerada de forma interacional, o outro desempenha função muito importante na constituição do sujeito, pois as relações lingüísticas e sociais que se estabelecem entre um e outro são mutuamente assimiladas, fazendo com que as palavras e discursos sejam processados, de forma que haja uma permuta e as palavras de um sujeito acabam sendo, em parte, as palavras do outro.

Um dos aspectos considerados por Tezza (1988) como chave da teoria da linguagem de Bakhtin é a palavra do outro. Vale salientar que este outro não é entendido como uma categoria lingüística fechada em oposição a um eu, mas como uma entidade social. Desse modo, um enunciado será concebido, numa perspectiva bakhtiniana, como fazendo parte integrante de um diálogo ininterrupto, “em que tem em si, na sua constituição mesma, a sombra do outro, sem o outro, nada significa, é vazio de sentido”(op.cit. p. 56).

Flores (1999) coloca a intersubjetividade como princípio unificador que atravessa toda a produção teórica de Bakhtin,. Para ele, neste princípio da intersubjetividade, “o sujeito se constitui frente ao outro em um processo de auto-reconhecimento.

Podemos dizer, desse modo, que o dialogismo e a alteridade caracterizam a linguagem e estes conceitos foram norteadores para os estudos posteriores, principalmente para a Análise de Discurso de linha francesa, uma vez que já não se concebe mais a idéia de que no texto haja uma representação real daquilo que o sujeito teve a intenção de dizer, nem uma relação direta, objetiva e neutra entre o mundo e a linguagem, entre a palavra e o seu referente. Sendo assim, o nosso dizer não se restringe a uma apropriação de um conjunto de palavras que fazem parte de um sistema e que estão à nossa disposição para serem utilizadas de acordo com o nosso querer individual. Neste caso, a língua estaria sendo concebida como um código e não possibilitaria o processo de construção dos sentidos.

3. A IRONIA E SEU ASPECTO DE LITERALIDADE

A maioria dos manuais de retórica e gramática trata ainda a ironia exclusivamente como uma figura de pensamento, restringindo seu estudo ao aspecto semântico que não ultrapassa frases isoladas e, portanto, desvinculadas de seu funcionamento discursivo.

A idéia predominante sobre ironia trazida, portanto, pela retórica é de *dissimulação*, sentido contrário (Lausberg, 1993:253), configurando-a quer seja como *tropo* (figura que implica mudança de sentido) ou como normalmente é definida pelos manuais de retórica como sendo a *forma de linguagem que significa o contrário daquilo que se afirma* (grifo nosso). Naturalmente que esta forma de compreender a ironia é reducionista, na medida em que não consegue explicar toda e qualquer forma de manifestação deste fenômeno de linguagem. Podemos afirmar isso a partir do nosso próprio corpus, em que verificamos apenas alguns casos de ironia que se poderia fazer uma análise partindo apenas da idéia de sentido contrário, ou seja, do oposto daquilo que o efeito de linguagem explicitava no discurso dos professores. Na verdade, a ironia, conforme defenderemos mais adiante, é mais abrangente e não se localiza unicamente numa frase, mas perpassa todo o discurso. Para ilustrar o que acabamos de afirmar, vejamos os trechos transcritos abaixo. O primeiro trecho (Ex: 01) refere-se a uma aula de história em que o professor, em um determinado momento, abre espaço para comentar o uso da linguagem, mais especificamente a ignorância por parte das pessoas e principalmente por parte dos jogadores de futebol quanto ao sentido do Hino Nacional; o

segundo trecho (Ex:02) foi extraído do início da aula de Língua Portuguesa em que o professor analisava os trabalhos produzidos pelos alunos.

Exemplo: 1

/.../ as pessoas cantam maquinalmente ... decoram e repetem maquinalmente ... mas se você perguntar o sentido do que está sendo dito ali ... ninguém SABE ... ninguém sabe ... mesmo os jogadores da seleção ... passaram vinte dias aprendendo o hino né? ... se perguntar a Ronaldinho Gaúcho o que ele tá cantando né? ... ele não sabe ... ele tá REPETINDO maquinalmente com seu lindo sorriso né?(grifo nosso) é ... é ... o hino nacional ... ele não sabe nada do que ele tá dizendo ali né? ... se perguntar a ele o que é um lábaro que ostenta estrelado né ? ((risos)) não vai saber muito direito o que diabo é isso né? / .../

(Anexo: 02; evento 02)

Embora não seja possível expor na íntegra o discurso do professor, percebemos que há explicitamente um efeito irônico que atravessa todo o discurso. Não é possível negar que não exista ironia neste trecho mesmo que nele não percebamos o contrário daquilo que se declarou. Observa-se claramente uma crítica, num tom de zombaria, sobre a ignorância, a falta de instrução do povo brasileiro e dos jogadores da seleção brasileira de futebol, especialmente colocando em destaque a figura de Ronaldinho, ... *ele tá repetindo maquinalmente... se perguntar a ele o que é um lábaro que ostenta estrelado ... ele não vai saber muito direito o que diabo é isso né?*. Se fôssemos nos restringir à idéia de ironia como o contrário do que se diz, iríamos apenas destacar a citação *seu lindo sorriso* o que, aliás, não estamos desconsiderando como ironia, pelo próprio fato do jogador Ronaldinho ser reconhecido de forma caricatural por ser dentuço, o que o torna muitas vezes objeto de zombaria por fugir ao padrão de beleza que a nossa sociedade atribui em relação a um lindo sorriso. No entanto, há uma ironia muito mais “forte” e diríamos uma “ironia atacante” (Hutcheon, 2000) que desconstrói o sujeito Ronaldinho no que se refere à sua cultura e nível intelectual.

Vejamos ainda o trecho que segue:

Exemplo: 2

P- /.../ por favor... por favor ... quando forem fazer um trabalho coloquem um ... título ... e o título deve corresponder a uma visão SUMULAR MÍNIMA ... mas direcionada para o texto qui você vai desenvolver ... não é verdade? ... o leitor deve analisar ... a menos qui você faça poesia ... a menos qui você faça literatura ((aumenta o tom de voz)) ... ai é outra coisa ... OUTRA história ... onde os subentendidos ... a ... anti-língua ... os parâmetros artísticos são outros ... não é?

A- quando ele fala de literatura... ele muda de semblante.

P- eu mudo né? ... pois é ... porque eu ODEIO literatura... ((tom irônico)) ... então veja bem ...

A- olha... nossos santos não se combinam ...mas eu vou ser tua aluna até ... você não quiser ...

P- [tá certo ... então veja bem /.../ ((volta ao assunto anterior, mudando para um tom mais sério)).

(Anexo: 01; evento 03)

Numa análise da ironia baseada na idéia de sentido contrário, iríamos considerar como irônico apenas a declaração *odeio literatura*, significando o oposto daquilo que se quis dizer. No entanto, o efeito irônico se faz perceber não só por esta declaração, mas também pelo jogo que se estabelece na relação recíproca, simultânea entre os interlocutores, a situação e o que foi declarado antes, ou seja, o enunciador pela forma entusiástica de como falava sobre literatura despertou uma expectativa no seu interlocutor que foi, logo em seguida, rompida na medida em que o seu dizer não confirmou tal expectativa, mas, pelo contrário, a negou. E esta quebra de expectativa, a nosso ver, foi de fundamental importância para produzir o efeito irônico.

Como vimos, a ironia supera a idéia de sentido oposto definida pela perspectiva retórica. E acreditamos que apenas este conceito não é suficiente para explicar as ocorrências de ironia que verificaremos no decorrer do nosso trabalho. Defendemos também que a ironia, pelo fato de ter sido considerada pela retórica como uma figura de pensamento, que possuía um sentido especial, distante da forma como normalmente se fala ou escreve, acabou por criar uma barreira enorme e uma espécie de hierarquia na própria linguagem entre sentido literal e sentido figurado. Isto fez com que se estabelecesse noções equivocadas entre usos de palavras que seguem uma norma e usos desviantes.

Como o direcionamento que estamos dando neste trabalho é de base discursiva, obviamente estamos considerando o fenômeno da ironia não apenas como uma figura de linguagem, mas como um discurso que constitui a linguagem. Desse modo, elegemos comentar o posicionamento de uma das autoras que estuda este fenômeno nesta perspectiva aqui no Brasil Eni P. Orlandi.

Para Orlandi (1986), não há sentido figurado nem literal, por isso, a ironia e as “figuras” de forma geral não constituem apenas “meios expressivos,”mas estados de mundo. Não há, portanto, para essa autora, um determinado conteúdo desvinculado de uma expressão, do mesmo modo que não há separação entre *interlocutor, linguagem, mundo* (grifo nosso). Assim, no próprio processo de interlocução, pode haver ironia, na medida em que “as palavras referem um determinado universo do dizer.”Nesse sentido, a ironia não está localizada no locutor, no ouvinte ou no texto, mas está na relação que se dá entre esses três componentes. Daí, aquilo que não parece ser irônico, pode sê-lo, dependendo do tipo de relação que se estabeleça entre esses elementos.

Essa autora afirma ainda que a ironia ocorre através do “estabelecimento de uma região significativa, de um espaço de linguagem em que não só simulações mas também alusões e mesmo rupturas de significação podem ser desenvolvidas” (Orlandi, 1986:85). Isto pode ser perceptível tanto no que se refere aos interlocutores, como ao referente e à própria linguagem.

No que se refere aos interlocutores, a ironia se processa através da polifonia na relação entre locutor e destinatário. Há um jogo dos subentendidos para que se exprima algo a respeito dos

enunciados. Considera-se, portanto, não só a intenção do locutor, mas também os modos de engajamento do destinatário. Já numa perspectiva do referente, a ironia estabelece, por meio do jogo da linguagem que se caracteriza pela ruptura e pelo eco, uma relação com outras formas ou estados de mundo. E o que vai marcar essa relação é exatamente a possibilidade do *deslocamento dos valores verdade/não verdade*. E por fim, em relação à própria linguagem, a ironia mostra que é possível haver um jogo de palavras ou um uso da linguagem que se volta para ela mesma. É o caso, por exemplo, da manifestação da ironia através do chiste.

Concordamos com Orlandi, portanto, quando afirma que a ironia não constitui um *desvio* da língua e não seria simplesmente um sentido a mais. Seria um sentido diferente que é instaurado porque as condições de significação do discurso irônico são diversas de outros tipos de discursos, de modo que a ironia não diz respeito, necessariamente, à atitude pessoal do locutor/autor, mas a *um estado de mundo que se revela*.

4. A IRONIA PELO ENTRECruzAMENTO DE VOZES

Esperamos já ter deixado claro até aqui que o sentido não está predeterminado, ele não existe em si, mas é construído pelas posições ideológicas assumidas por aqueles que as utilizam no contexto sócio-histórico. E a noção de formação discursiva, sendo considerada de fundamental importância para a compreensão deste processo de produção de sentidos, será entendida, segundo palavras de Orlandi (1999:43), como “regionalização do interdiscurso, configuração específica dos discursos em suas relações”. Parafrazeando as idéias desta autora, podemos dizer que a interdiscursividade ou o interdiscurso possibilita a instauração do dizer, a partir do já-dito, constituindo uma dada formação discursiva que determina o que pode e o que deve ser dito. Entender, portanto, que a palavra significa no relacionamento com outras palavras é admitir a articulação, o diálogo entre as formações discursivas. Daí, porque acreditamos que os sentidos sempre são determinados tendo em vista o aspecto ideológico: “tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos” (ORLANDI, 1999:43).

A fim de que possamos verificar no discurso dos professores como se dá o efeito irônico a partir da confluência com outros discursos, com outras formações discursivas, faz-se necessário resgatarmos as formas de apresentação do dizer do outro: a heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva. Apenas por uma questão didática e para buscarmos entender melhor a diferença entre estas duas formas enunciativas do dizer, seguimos as características propostas pela própria Authier-Revuz (1984) e Maingueneau (1997), entre outros que afirmam ser a heterogeneidade mostrada analisável no plano lingüístico das manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação; enquanto a heterogeneidade constitutiva não seria marcada em superfície, mas concebida no nível do interdiscurso. A ironia é situada por estes autores no plano da heterogeneidade mostrada, entretanto não nos interessa para o nosso estudo estabelecermos uma fronteira demarcada entre estas duas formas de heterogeneidade, uma vez que acreditamos que mesmo para se estudar a heterogeneidade constitutiva, necessariamente, se recorre à heterogeneidade mostrada. Assim, julgamos que estas formas de revelar o *outro* estão apoiadas e são solidárias com a própria natureza da linguagem que é a sua heterogeneidade constitutiva.

Conforme veremos nos exemplos abaixo, o discurso irônico será analisado na relação com outros discursos, a partir do entrecruzamento com outras formações discursivas.

O primeiro evento que segue foi extraído de uma aula de história, cujo assunto era Gilberto Freire, discutido em seminário apresentado por um grupo de alunos. O professor faz comentários sobre o pensamento deste autor em relação à vida dos negros nas senzalas, a forma senhorial de como eram tratados. Daí, ser produzido o trecho abaixo em que o professor procura fazer um paralelo entre a forma de escravidão dos negros e a forma de trabalho atual que não deixa de ser também senhorial, escravocrata.

Exemplo: 03

/.../ empregada doméstica é ótima desde que ela seja sempre empregada doméstica ... que ela reconheça seu lugar ... que ela não queira sentar no sofá ... que ela não queira botar o pé no centro ... que ela não queira assistir televisão ... quer dizer ... que ela não queira bater nos filhos da casa ... se ela ficar lá na cozinha lavando os pratos ... fazendo bolo muito cheiroso pra quando você chegar já está partido ... pronto pra você comer né? ... quer dizer ... ela até merece umas beijocas e um sabonete lux pra tomar banho né? ... no final do dia pra ficar cheirosa tal né? ... se ela então conhece o seu lugar ... reconhece a hierarquia ... você tem essa visão harmônica ... plástica ... afetiva ... você abraça ... você beija ... mas por trás você paga um salário miserável né? /.../

(Anexo: 02; Evento: 06)

Neste evento, percebemos um efeito irônico que é acionado pelo cruzamento entre pelo menos duas vozes ou formações discursivas diferentes: uma formação discursiva opressora, que apresenta uma visão de mundo senhorial, pertencente a um grupo social elitista e, ao mesmo tempo, uma outra formação discursiva libertadora, que defende os oprimidos. Logo no início deste evento, o enunciador, ao reproduzir o discurso do opressor, parece compactuar com esta visão de mundo e, sarcasticamente, apresenta um modelo de tratamento em relação à empregada doméstica comumente utilizado pela sociedade em geral, assumindo esta voz como se fosse um destes opressores “...*empregada doméstica é ótima desde que seja sempre empregada doméstica ... que reconheça seu lugar...*”. Entretanto, é atravessada logo em seguida uma outra voz que contradiz este ponto de vista, instaurando uma ruptura que ao mesmo tempo que une, divide os discursos, causando uma incongruência de idéias que caracteriza, segundo Orlandi, o efeito irônico. Isto pode ser notado a partir do enunciado “...*mas por trás você paga um salário miserável né?*”, ou seja, há uma “ironia atacante” ao sistema de escravidão que ainda predomina na nossa sociedade que camufla uma espécie de liberdade para os menos favorecidos socialmente, no caso, as empregadas domésticas. Podemos verificar isto quando o enunciador afirma “*ela merece até umas beijocas e um sabonete lux pra tomar banho...*”. Para o enunciador, isto seria o máximo de intimidade e o que se poderia fazer em benefício das empregadas domésticas ao lado de um salário insignificante, o que reforça a idéia irônica, atravessada no decorrer de todo o discurso, de que ainda há uma espécie de escravidão no sistema social do Brasil.

Ao termos verificado neste evento duas formações discursivas diferentes que se entrecruzam, não estamos defendendo a idéia de que sempre haverá apenas dois tipos de formação discursiva, mas pode ocorrer de, num mesmo texto, termos várias formações discursivas. É preciso ainda assinalar que não estamos concebendo essa noção de formação discursiva partindo de um funcionamento mecânico, automático, nem homogêneo, mas estamos seguindo a idéia de que elas “são constituídas

pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações” (ORLANDI, 1999:44).

Observemos ainda no exemplo 04 abaixo como se dá o processo irônico, tendo em vista a confluência de formações discursivas diferentes. O professor de História estava dando aula sobre a idéia de progresso e providência, criticando a visão romântica em relação à mulher-mãe.

Exemplo: 04

/.../ a produção da culpa é uma forma de controle social fundamental da consciência culpada ... da consciência pesada né? então a mãe opera muito isso ... os românticos vão trabalhar muito essa idéia da mãe ... A MÃE SANTA que não pode ser contradita ... que ninguém pode não fazer suas vontades ... quer dizer ... mãe você não pode desobedecer ... DEUS CASTIGA se você desobedecer MÃE né? ... você pode até desobedecer pai ... mas desobedecer mãe não ... isso é uma coisa GRAVÍSSIMA né ? /.../

(Anexo; 02; Evento: 04)

É ainda através do entrecruzamento de formações discursivas diferentes que vamos perceber, neste evento, a dimensão irônica que percorre em todo o texto. Inicialmente, temos uma voz de um enunciador que admite a idéia de que a produção da culpa é uma forma de controle social. Em seguida, há uma referência explícita à idéia de mãe defendida pelos românticos MÃE SANTA, essa voz, de uma formação discursiva predominante, é colocada pelo enunciador como a responsável direta por ter-se propagado uma idéia irreal, mágica, absurda em relação à imagem da mãe. Percebemos que o enunciador recorre à voz do senso comum que acredita nesta noção romântica da imagem da mãe unicamente para ironizá-la de forma sarcástica. Isto pode ser percebido por meio da inserção, no discurso, de uma voz religiosa que caracteriza esta visão de mundo do senso comum “...*DEUS CASTIGA se você desobedecer mãe...*” “...*desobedecer a mãe não ... isso é uma coisa gravíssima né?...*”. Obviamente que este não é o ponto de vista defendido pelo enunciador, o qual ironicamente se reporta a este discurso simplesmente para desmascarar a falsidade desta visão de mundo em relação à mãe e que ele não compactua e até acha uma forma de produzir controle social.

É possível ainda perceber o efeito irônico no discurso deste mesmo professor no evento abaixo em que observamos o cruzamento de formações discursivas diferentes, a partir da estratégia de citação de outras vozes que remetem a outros discursos. Vejamos:

Exemplo: 05

/... / vocês já viram homens conversando sobre mulheres ... é uma coisa absolutamente construtiva ... homens conversando sobre mulher ... quer dizer ... as mulheres são tratadas de uma forma né? ... que mostra como homens gostam de mulher né? ... homem adora mulher ... quer dizer ... AQUELA É UMA FULERA... é não sei o que /.../ É MINHA MULHER ... ELA TEM QUE FAZER ISSO ... quer dizer ... a mulher não tem existência própria ... ela pertence a alguém ... precisa ver na Micarande ... é uma história .. DUVIDO QUE ALGUÉM TOQUE NA MINHA MULHER ... quer dizer ... dá a idéia de que a mulher não tem capacidade ... inclusive para se defender dos outros ... de ter opinião ...

precisa de um MACHO atrás pra proteger ... a COITADINHA ... porque senão ela é capaz de quebrar né? /.../
(Anexo: 02; Evento: 04)

Este evento assinala, ainda um efeito irônico que é construído pelo cruzamento de vozes que se intercalam no discurso. De início, percebemos que os valores verdade/não verdade são acionados, na medida em que o dito do enunciador de que “...o homem adora mulher...” é logo mais rompido por uma outra voz que caracteriza uma formação discursiva machista que trata mal e oprime as mulheres “...AQUELA É UMA FULERA...” “...DUVIDO QUE ALGUÉM TOQUE NA MINHA MULHER ...”. Há ainda uma outra voz que é revestida pelo discurso já aceito na sociedade e pela própria mulher de que ela é um sexo frágil, o discurso da subalternidade feminina em relação ao homem. Esta interpretação pode ser confirmada pelos enunciados “...precisa de um macho atrás pra proteger...” a COITADINHA porque ela é capaz de quebrar né?” É, portanto, aqui onde verificamos de forma mais explícita o ponto de vista do enunciador em relação à imagem da mulher, ou seja, embora, revele-se contra o machismo, ele admite que a própria mulher assume este papel de subalternidade, de um ser frágil. Desse modo, ele critica, ironicamente, principalmente através do diminutivo *coitadinha* e o verbo *quebrar* esta idéia da fragilidade feminina, que necessita sempre do homem para protegê-la.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as condições de produção de enunciação dos eventos analisados acima, a relação entre enunciador/destinatário, o referente, a forma de dizer, as determinações sócio-históricas, enfim, considerando todo o processo de enunciação, podemos confirmar, de acordo com Bakhtin, que não há neutralidade no discurso e que este é sempre habitado por um coro de vozes que se entrecruzam. Nesse sentido, o discurso irônico, conforme visto, não ocorre isoladamente, mas na articulação com outros discursos, com outras formações discursivas.

Esperamos ter deixado claro que a ironia acontece no discurso, materializando ideologias que fazem parte da nossa sociedade. Esta materialização pode ser percebida pelo caráter de ruptura, de equívoco da língua, a partir do momento em que foram acionados outros discursos com formações discursivas divergentes que, por sua vez, faziam menção a outras vozes que caracterizam pontos de vista diferentes que se cruzam entre si. Esperamos ainda ter evidenciado que a ironia pode ser analisada como qualquer outro discurso e o que a distingue dos outros discursos, além dos aspectos paralingüísticos (tom, fisionomia, etc.), da sua relação entre o dito e o dizer, é o caráter de incongruência, ruptura que se estabelece entre as várias vozes que se fazem ouvir no discurso, quer seja de forma explícita ou não. Levando em consideração os pressupostos teóricos que defendemos até aqui sobre o traço dialógico e heterogêneo da língua, do sujeito e do discurso, inevitavelmente, a nossa postura é de considerar a ironia como um discurso que constitui a linguagem.

6. REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Palavras incertas**. Campinas: UNICAMP, 1992.
- _____. Heterogeneidade (s) enunciativas. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, n. 19, Campinas, p. 25-42, Jul./dez.1990.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- FLORES, Valdir. **Lingüística e psicanálise**. Princípios de uma semântica da enunciação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- HUTHEON, Linda. **Teoria e política da ironia**. Trad. Julio Jeha. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de Retórica Literária**. Trad. R.M.Rosado Fernandes.4. ed.Lisboa: alouste Gulbenkian,1993.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise de discurso**. Campinas: Pontes, 1997.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso-princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.
- _____. Destruição e construção do sentido (um estudo da ironia). **Série Estudos**, n.12, Uberaba, 1986, p. 66-97.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. São Paulo: Pontes, 1997.
- TEZZA, Cristovão. Discurso poético e discurso romanesco na teoria de Bakhtin. In: FARACO, C. A. *et alii*. **Uma introdução a Bakhtin**. Curitiba: Hatier, 1988, p. 51-71.

